

PELOS CAMINHOS DE LISBOA: QUANDO O IMPREVISÍVEL SE TORNA MÁGICO E CHEIO DE LUZ

Carolina Faria Alvarenga

Os planos eram fazer doutorado (com direito a estágio no exterior), ter filhos(as) e seguir na carreira acadêmica, conquistada há pouco mais de um ano. Porém, nem tudo estava sob nosso controle, por isso os planos se inverteram. Ano de 2010. Recém-contratada como professora mestre do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras, sul de Minas Gerais, constatei que só poderia sair de licença para cursar o doutorado um ano após finalizar o estágio probatório, o que significava, pelo menos, mais uns três anos de espera. Em 2011, nasceu o meu filho e, em 2013, a minha filha. Em 2016, ingressei no doutorado, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Na época, sete anos de experiência como professora universitária e quase cinco como mãe me transformaram, como também transformaram muitos sonhos que construí ao longo da vida.

O sonho de fazer um estágio no exterior, no entanto, manteve-se, mas como o meu marido e os meus filhos(as) iriam junto comigo, precisei desistir de ir para a França e optei por um país onde a adaptação pudesse ser mais fácil, especialmente por causa da língua. Tínhamos acabado de adquirir a

cidadania portuguesa (meu marido é neto de portugueses), o que nos motivou a escolher Portugal, país que nos acolheu tão bem!

Após um ano e meio morando em São Paulo, mais uma mudança, dessa vez para o outro lado do oceano. Fomos sem bolsa de estudo, mas tínhamos os nossos salários: eu com licença remunerada por quatro anos e meu marido por dois anos, pois tinha ingressado no mestrado na mesma universidade e no mesmo ano que eu. Participei de um edital de uma agência de fomento, mas meu pedido foi negado com a justificativa de que minha orientadora não pertencia a “uma universidade portuguesa renomada”, apesar de todos os outros requisitos terem sido considerados excelentes.

Não havia outra alternativa. Minha pesquisa era sobre políticas públicas, gênero e educação de infância, mas a professora referência dessa área, em Portugal, estava vinculada à Escola Superior de Educação (ESE) do Instituto Politécnico de Santarém e não a uma universidade. Aliás, essa é uma crítica que a própria professora faz à organização do sistema de ensino superior português. As ESEs são responsáveis pela formação inicial das educadoras de infância e professoras do primeiro ciclo, mas não possuem programas de mestrado e doutorado *stricto sensu*, o que compromete a investigação na área.

Como o meu objetivo de pesquisa era conhecer as políticas públicas de gênero e a educação da infância em Portugal, especialmente a partir de um material organizado por minha orientadora, Maria João Cardona (o Guião de Educação – Gênero e Cidadania – pré-escolar), optamos por morar em Lisboa. Não era necessário morar em Santarém, pois a relação seria diretamente com a professora. Participei de alguns eventos na ESE, inclusive conversando com estudantes sobre a educação infantil brasileira e o documento estudado por mim (Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulista), um instrumento de autoavaliação institucional participativa, que inclui gênero como uma das dimensões de qualidade.

Em Portugal, realizei entrevistas com algumas autoras e profissionais da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Gênero (CIG) que participaram da construção do Guião. Fiz algumas visitas ao prédio da CIG, que mantém um Centro de Informação e Documentação, com acervo digital e impresso especializado na área dos estudos sobre as mulheres e de gênero.

A CIG é vinculada à Presidência da República e é responsável pelas políticas de igualdade no país. A educação foi, desde o início, considerada uma

área estratégica, por isso inúmeros projetos foram desenvolvidos ao longo de seus 40 anos de existência. O foco sempre esteve na construção de materiais e na formação docente – inicial e contínua.

Foi possível perceber a importância dessa Comissão na construção de políticas que visam à igualdade de gênero no país, desde o “25 de Abril” (de 1974), marco sempre destacado pelos(as) portugueses(as), do qual falam com muito orgulho. No entanto, apesar dos avanços conquistados nessa temática, ainda há muito o que se fazer, especialmente em articulação com o Ministério da Educação. A primeira iniciativa conjunta nasceu apenas em 2017, com o lançamento da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, um projeto piloto que insere uma disciplina obrigatória nas escolas, sendo gênero um de seus temas centrais.

A pesquisa não teve como objetivo um estudo comparativo entre Brasil e Portugal. Apesar de o contexto político atual estar em caminhos opostos – Portugal, com um governo de esquerda, apostando em políticas progressistas, e o Brasil em meio a um golpe parlamentar, sofrendo com ataques conservadores às questões de gênero, sexualidade, raça, entre outras –, conhecer as políticas públicas de gênero para a educação da infância em Portugal mostrou-se uma oportunidade de ampliar o entendimento sobre o complexo jogo de poder quando se pensa na disputa por um lugar na política, em qualquer que seja o contexto.

Essa experiência de morar em um país muito diferente do Brasil, a começar pelo tamanho, despertou em mim muitas reflexões. Primeiro, por estar com as crianças em um país envelhecido, eu fiquei impressionada com a forma como os senhores e as senhoras tratavam o meu filho e a minha filha. Olhavam-nos sempre com muita alegria, davam-nos prioridade nas “filas invisíveis” dos pontos de ônibus. Por toda a cidade, havia parques infantis, na maioria das vezes vazios, especialmente onde morávamos, em São Domingos de Benfica, um bairro residencial que fica fora da zona turística.

Apesar da fama de serem sérios(as), diretos(as) e, muitas vezes, grosseiros(as), os(as) portugueses(as) me ensinaram muito: são, de fato, diretos(as), mas são justos(as). Passado o primeiro susto, conversam e contam casos. Tivemos muita sorte em alugar um apartamento – por sinal, de frente para a floresta de Monsanto, a qual nos alegrava todos os dias com uma vista maravilhosa e com o mais lindo pôr do sol –, cujo “senhorio”, que era muito

simpático, teve apreço e confiou em nós. Era um senhor de 86 anos, casado com uma senhora de aproximadamente 80 anos, ambos cheios de vitalidade, apesar das marcas da idade.

Por outro lado, foi difícil fazer amizades. Apesar de gostarem de uma boa conversa, convites para aquele café da tarde em casa foram poucos. No meu caso, apenas de um casal de brasileiros e de uma luso-alemã, que era mais uma cidadã do mundo!

Lisboa é, verdadeiramente, uma cidade de luz. Nossos finais de semana foram sempre marcados por passeios pela cidade. Aproveitamos os domingos, quando a entrada nos museus e nos monumentos era gratuita, para conhecer mais e melhor essa cidade de sete colinas. Andar apenas de transporte público, diferentemente do que estamos acostumados(as) no Brasil, fez com que tivéssemos outra relação com a cidade. É sempre mais cansativo com duas crianças pequenas, mas uma experiência em que pudemos aproveitar cada canto da cidade.

A sensação de segurança ao andarmos pelas cidades, não apenas em Lisboa, mas em todo o país, despertou em mim sentimentos opostos. Felicidade por vivenciar essa cultura da qual não é preciso ter medo e, ao mesmo tempo, tristeza por vivermos em um país tão violento como o Brasil, ainda tão desigual.

Foram seis meses e alguns dias de muitos aprendizados, descobertas e encontros. A experiência teria sido diferente se não tivéssemos filhos, mas foi delicioso perceber que Lisboa é uma cidade que acolhe as crianças. Também foi muito gratificante ouvir de uma professora do jardim de infância que as crianças frequentaram, que nós levamos o sol e o calor brasileiro para aqueles corações!

Profissionalmente, continuo a parceria com minha orientadora, com quem aprendi muito durante aquele período. Projetos estão em nossos planos após o término do doutorado, na certeza de que é necessária e urgente a aposta em uma educação para a cidadania, a qual valorize as questões de gênero, começando pelos miúdos e pelas miúdas, como dizem carinhosamente por lá!